CATÁLOGO RESIDÊNCIA ARTÍSTICA M.A.P.A

2ª edição

MARGEM
HUB DE FOTOGRAFIA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

LEI ALDIR BLANC
RIO GRANDE DO NORTE

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

RIO GRANDE DO NORTE
GOVERNO DO ESTADO

M.A.P.A
MÚLTIPLAS ABORDAGENS POÉTICAS E AUTORAIS - RESIDÊNCIA ARTÍSTICA ONLINE

POESIA
FOTOGRAFIA
ARTE CONTEMPORÂNEA

O "M.A.P.A - Múltiplas Abordagens Poéticas e Autorais" 2ª Edição foi uma micro residência artística online, realizada em três núcleos de formação, orientação e troca de experiências entre artistas. Cada núcleo estruturou suas atividades debruçando-se em um fazer artístico dentre a arte contemporânea, a fotografia e a poesia. Foi, então, uma experiência online intensiva e articulou a produção dos 18 artistas participantes por meio de encontros online.

Para a seleção e preenchimento das vagas de cada núcleo do projeto de micro residência artística foi aberta uma convocatória pública, na qual as e os artistas inscreveram-se a partir de uma carta de intenção e do envio de portfólio e ou da contextualização da produção/pesquisa que vem desenvolvendo.

O Núcleo M.A.P.A de Arte Contemporânea, conduzido por Sanzia Pinheiro, foi um espaço de troca, compartilhamento e orientação de pesquisa para os fazeres artísticos que perpassam a arte contemporânea, como a performance, instalação, artes híbridas, dentre outras. O núcleo M.A.P.A de Fotografia, conduzido por João Oliveira, desenvolveu as atividades de edição, sugestão de referências e prática de um de um ensaio/série fotográfica. Já o núcleo M.A.P.A Poesia e Literatura conduzido por Thiago Medeiros foi um momento de apresentação de produções em desenvolvimento e orientação para cada trabalho, além de ter sido um espaço de formação, auxílio na organização e potencialização da produção poética e literária de cada participante.

Ao final da experiência, as e os artistas participantes desenvolveram novas obras e pesquisas, compiladas nesta publicação digital.

MEDIAÇÕES E ORIENTAÇÕES NÚCLEO ARTE CONTEMPORÂNEA

SANZIA PINHEIRO - ORIENTADORA DO NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Sanzia Pinheiro Barbosa nasceu em Natal/RN. Coordena o Bólide1050, Mestre em Ciências Sociais pela UFRN. Integrou a comissão de seleção do Laboratório de Artes Visuais da escola Porto Iracema das Artes-Fortaleza/CE para a turma de 2020-2021. Integrou a comissão de seleção do Prêmio Margem de Fotografia em 2020. Integrou a equipe do Rumos Visuais/Itaú Cultural 2011/2012. Foi membro do Colegiado de Artes Visuais (Representação/Nordeste 2009-2011). Coordenou o setor de Artes Visuais da Fundação Cultural Capitania das Artes/Natal entre 2009-2010. Coordenou o Salão de Artes Visuais de Natal (9ªe 13ª edições). Manteve ao lado do artista Jean Sartief a coluna semanal "Fermentações Visuais", no jornal Tribuna do Norte 2007/2009. Desenvolveu pesquisa no acervo do artista Falves Silva e Jota Medeiros entre 2012-2016. Realizou diversas curadorias entre elas a exposição individual de Falves Silva no Centro Cultural São Paulo-CCSP em 2016.

MEDIAÇÕES E ORIENTAÇÕES NÚCLEO POESIA

THIAGO MEDEIROS - ORIENTADOR DO NÚCLEO DE POESIA

Thiago Medeiros nasceu no final dos anos 80 em Natal/RN. Se desenvolveu gente na periferia do bairro do Alecrim. Iniciou seus trabalhos no teatro, em 2007, participou de grupos como o da Casa da Ribeira e Sesc Dramaturgia. Participou dos principais festivais de arte e literatura do estado e da 29a bienal de arte de São Paulo, em 2011.Em 13 anos de dedicação exclusiva ao trabalho com arte, transita entre teatro, arte educação, literatura, produção cultural e consultoria para artistas. Atualmente desenvolve trabalhos com seu grupo de teatro Para Eu Parar de Me Doer e com o coletivo/Selo Independente que criou e mantém com outros artistas, o Insurgências Poéticas. Autor dos livros de poemas Ardência - 2020; Meio-dia 2018 e Para Eu Parar de Me Doer 2016, além de publicação em zines, antologias e revistas literárias do país.

MEDIAÇÕES E ORIENTAÇÕES NÚCLEO FOTOGRAFIA

JOÃO OLIVEIRA - ORIENTADOR DO NÚCLEO DE FOTOGRAFIA

João Oliveira é um fotógrafo nascido em Natal/RN. Suas pesquisas giram em torno do desenvolvimento de narrativas críticas sobre a história, o imaginário cultural latinoamericano, relações decoloniais e direitos humanos, tema que aprofundou na sua formação em Direito (UFRN). O autor é idealizador dos projetos fotográficos "Macau: Sal e Mangue" (2015), "Sem Chão" (2016), "Onde se esqueceu de lembrar" (2017), "Sobre os sonhos que não vemos" (2018), "Circula-me nas veias" (2019) e de diversas outras séries e ensaios fotográficos. É reconhecido por premiações e participação em festivais de fotografia como o "V Fórum Latinoamericano de Fotografia / Itaú Cultural" e "Foto em Pauta - Festival de Fotografia de Tiradentes". Em 2018 fundou o Margem Hub de Fotografia, espaço integrado de fotografia em Natal. Hoje, João atua, também, a frente do espaço, como coordenador pedagógico e educador visual. No campo do ensino, é professor dos cursos "A fotografia entre a realidade e a ficção" e "Poéticas fotográficas" além de ministrar outros cursos livres na escola. João também desenvolve ações relacionadas à curadoria e edição.

ARTE CONTEMPORÂNEA

ARTHUR CARVALHO
JANICLEIA GOMES - CAPITU
JENIFFER KATARINA
TAKARÁ
LAÍZA FERREIRA
MALU ARAÚJO

FOTOGRAFIA

HELENA ANTUNES
JOÃO AZEVEDO
LORENA COSTA
SABRINA CAMPOS
TATIANY BARROS - TATU
YSMAEL VENTURA

POESIA

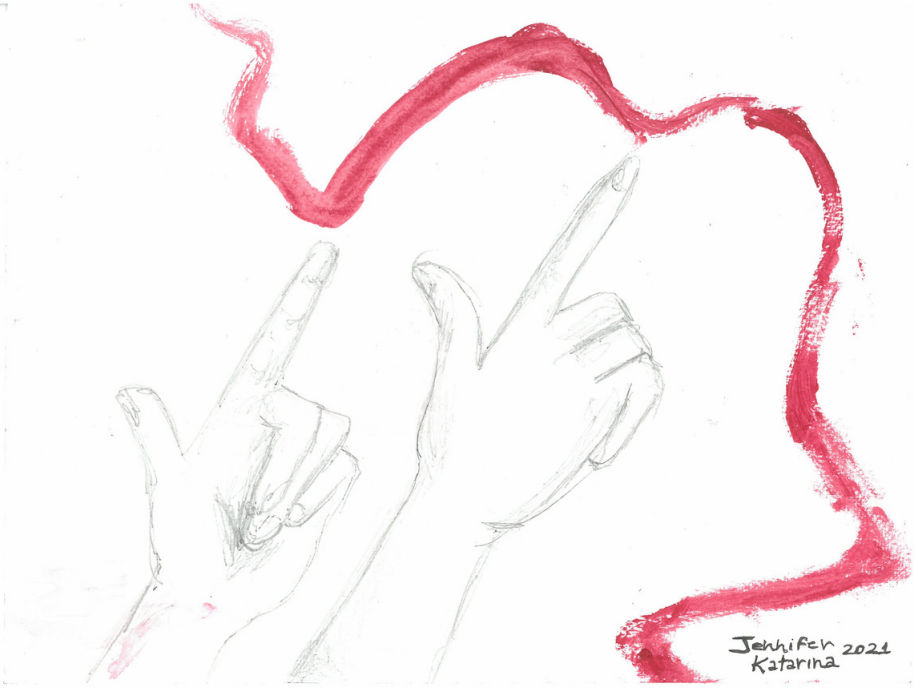
BÁRBARA MARIA
ITAMARA ALMEIDA
LANUK
PABLO VINÍCIUS
PEDRO GORKI
PRISCILLA ROSA

JENNIFER KATARINA

NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

“Pensar em vida, em desejo no corpo que fala e que se expressa de diversos modos inclusive pela arte, não vejo uma produção artística sem o pensamento e sem as várias histórias, as histórias das vidas dos meus antepassados, as histórias da arte (hegemônica e decolonial), a história do mundo. Desse modo, são essas diversas histórias que conheço e analiso nas práticas para fazer a mudança acontecer do lugar que estou, como mulher artista e periférica. A pratica artística pra mim é rebelde, disruptiva e cheia de coisas para se pensar para a vida e para arte, o que mostrar aos outros? como representar as mulheres? Quais imagens nos chocam? Quais representam dor? Quais não vemos?

Jennifer 2021
Katarina


Jennifer Katarina 2021

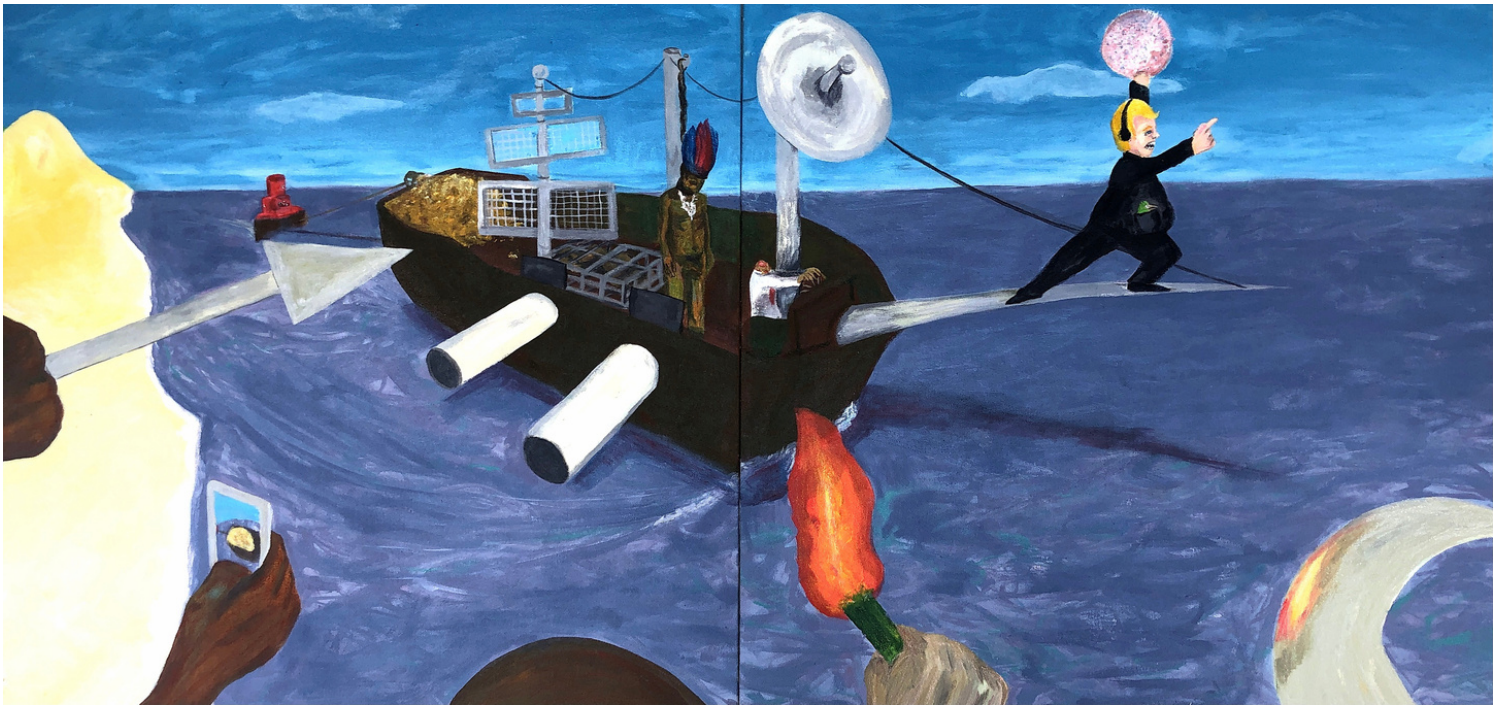
COMO UM BAILARINO
MORRER
QUE
NÃO
DANÇA
PRA
Jennifer Katarina 2021

Jennifer
Katarina 2021

ARTHUR CARVALHO

NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

“O trabalho que desenvolvo nas artes visuais vem ganhando contorno nos últimos 2 anos; tenho dedicado meus estudos e práticas à pintura com acrílica e spray, variando os suportes de acordo com a disponibilidade. As temáticas sempre remetem ao povo brasileiro, seja fazendo evidência as suas características físicas, bem como comportamental, social, cultural, econômica ou política.



PRISCILA ROSA

NÚCLEO DE POESIA

“ Sou Priscilla Rosa, uma mulher negra, uma mulher nordestina, uma mulher potiguar. Nasci no Alecrim e fui criada entre as Quintas (Natal), São Gonçalo (Rio de Janeiro) e o Parque dos Coqueiros (Zona Norte de Natal): lugares que me formaram e respaldam o trânsito da minha escrita. Minha formação acadêmica tem uma trajetória ligada à educação e às relações étnico-raciais. Sou professora, sou estudante, sou poeta, sou colagista. Sou sobrevivente.

eu tô sozinha (nessa hora: quem não tá?!)

nada pode dimensionar o som que os mistérios têm
amuleto - feitiço que eu gosto:
esse besouro é meu
ou esse besouro sou eu?

Carta à infância ou minúsculo ensaio para voos futuros

estamos sempre tão repletas de pedaços do passado e nunca desejo pensar nisso como parte da vida a ser esquecida. um dia eu boiava naquela água dentro do útero da minha mãe e cheguei a pensar que tamanha experiência de afogamento me faria habitar com menos sofrimento o fundo secreto dos rios – sem ter de prender a respiração para não morrer sufocada de água até crescerem meus olhos. as crianças felizes que vivem dentro de mim merecem uma carta de amor só para elas por suportarem a vida, por suportarem tudo aquilo que não me tornei e que elas esperavam. as crianças que moram dentro de mim não ligam se não me tornei médica ou um cpf concursado. as crianças que habitam em mim gostam de permanecer paradas no tempo daquele quintal de vovó maria cheio de azeitonas pretas feito tapete no chão onde as formigas patinavam como bailarinas tontas de açúcar.

[amuleto de Khefri]
existe um besouro enorme
zunindo do lado de fora da janela
é familiar essa presença dentro da minha cabeça.

(há feras
monstros-fantasmas
que qualquer hollywood jamais imaginara
não fosse a gentileza cristã
em criar a sua imagem e semelhança
bestas apocalípticas a nos puxar os pés na madrugada)

eu fecho o vidro
eu tenho medo
eu tenho medo do besouro
pode ser que ele não exista além dos longos corredores da minha memória

o barulho que o besouro faz é alto
é tão assustadoramente alto e
eu não posso correr
eu não posso me livrar
eu sinto o firmamento ceder devagar e silenciosamente

eu tô sozinha (nessa hora: quem não tá?!)

nada pode dimensionar o som que os mistérios têm
amuleto - feitiço que eu gosto:
esse besouro é meu
ou esse besouro sou eu?

[gatilho II]

tenho ordenado pilhas de livros
em função de obter diplomas que não
me salvarão a vida
tampouco a poesia

tenho mentido para mim
sobre cartas que pensei escrever
pedidos de ajuda e inclinações psicóticas:
aquela brevidade que têm os copos
de cerveja gelada em dia de calor

tenho lembrado o lastro de chama inapagável
que consome a casa que ergui em mim
inundando de fogo e solidão os meus pés

tenho sonhado com mares que me devoram
feito a fúria absurda de tubarões famintos
que comem em desespero pessoas distraídas
se batendo enquanto devoradas
e nem sabem se morrem mais
afogadas que magoadas

tenho pensado na solidão daquelas mulheres-náufragas
que sem nada
enlouqueceram encantadas
pelo som de sereias sérias e sensuais
mentiras mitológicas
imaginações quase reais
a sangrarem de seus ouvidos
aquáticos

tenho buscado fazer
terapia
amizades e
chá de camomila
mas a vida é cruel demais
para deixar que sigamos sem esfolar a
cicatriz
a raiz das coisas que doem e
desesperam

tenho corrido léguas
só pra não gritar “socorro!”
o grito valente dos que tem fome de
ajuda
só que em silêncio

tenho chovido para desaguar no rio
da minha vida
encosta ribeirinha qualquer
mas é como se eu permanecesse
eternamente partida
parte-
-ida

cega baleia antiga
cavalo marinho inerte
arraia albina que sangra
à deriva

Seremos imperfeitos
Porque a perfeição continuará sendo o aborrecido privilégio dos deuses
Mas neste mundo, trapalhão e fodido,
Seremos capazes
De viver cada dia como se fosse o primeiro
E cada noite como se fosse a última. *

[pedro]

em fragmentos desordenados de papel
ti colori uma canção
cuja música-silêncio
só eu pude ouvir.

tua vida em pedaços bem pequenos:
um carinho, um afeto e
a mínima ideia que faço de quem sejas
quando não és gravura e memória:
imensidão.

caixas de foto, campeonatos de futebol
inclinações para tristezas miúdas
aventuras, alegrias, solidão
Malcolm e Nina

a arte e a luta
caminham juntas para que a gente suporte o mundo
e nossa utopia floresça
ainda que ela não venha pela manhã.

*Trecho do poema “O direito de sonhar” de Eduardo Galeano.

TATIANY BARROS

NÚCLEO DE FOTOGRAFIA

“ Uma mulher negra, nordestina e LGBT tentando fazer fotografia no interior do Nordeste. Acho que não ter um transporte me fez observar mais os lugares que eu passava e registrar aquilo que achava interessante. Difícil de dizer qual foi a primeira foto, acho que é impossível até. Mas sempre fui de fotografar paisagem, praças, monumentos e a natureza da minha cidade. O que me motiva é essa ideia de deixar registrado algo que aconteceu naquele dado momento, para que no futuro possamos ainda contemplar, pois sabemos que as coisas estão sempre em movimento, evolução e renovação.

Levozine
CAMENTO FUNCIO
DEVO USAR ES
agranulocitose (diminuição
ersensibilidade à levon
situação clí
para descartar
agente neurolé
Exceto nas situa
trocardiograma n
lépticos.
Procure imediatam
inesperado de neo
ou hospitalar em caso de
Medicamentosas).

Vide O que devo saber antes de usar e
Medicamentosas);
Levozine® deve ser utilizado com
precauções, tais como a verific
troencefalográficos, em razõ
ortostática (queda signific
nestes pacientes.
Pacientes idosos nã
Gravidez
Informe s
Levozine
QUE DEVO SABER ANTES DE USAR ESTE MEDICAMENTO?

JANE GOMES

NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

“ Minha principal linha de pensamento na produção artística segue sendo a questão da saúde mental e a vida periférica. Trabalho com um fazer artístico híbrido entre texto e imagem, onde tento articular minhas impressões sobre saúde mental e o íntimo atípico que habita em mim.

@CAPITULINE1

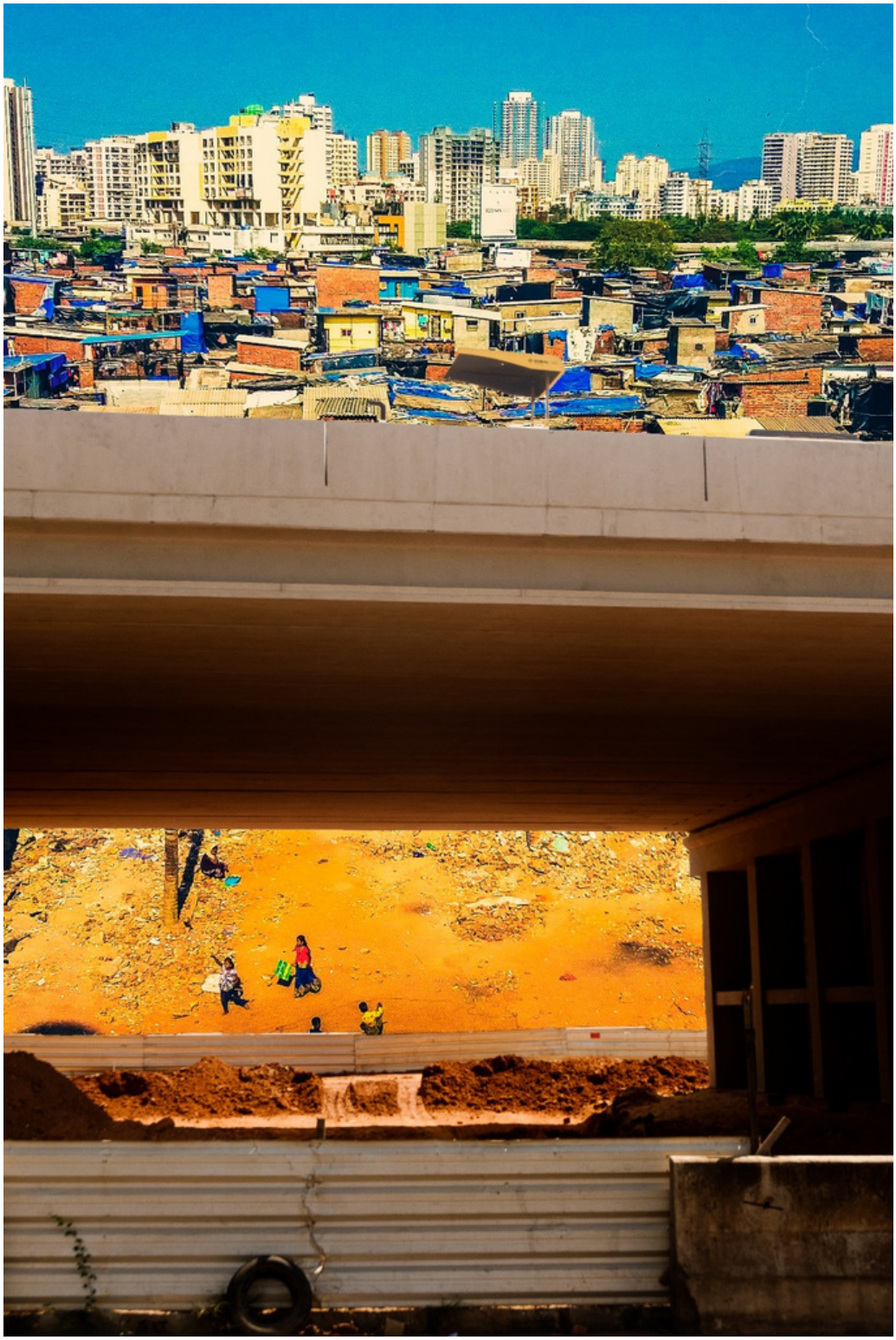
113
117

MINHAS INTENSIDADES ME APAVORAM
SOU TAL QUAL UMA BIGORNA CAINDO DO DÉCIMO ANDAR...
FATAL E HIPOTÉTICA
@CAPITULINEI

EVERSON DE ANDRADE

NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

“Eu sou fotógrafo e atuo há 10 anos na fotografia. Na metade desse período passei a conhecer mais da fotografia contemporânea. Produzo um trabalho de fotodocumentação de um movimento cultural de Natal tem alguns anos. Para além disso costumo fazer o registro de outros movimentos com a finalidade de conhecer um recorte de nosso povo. Também desenvolvo alguns trabalhos mais distantes da fotodocumentação como o Cidade Metade e o Imagens de uma guerra presente.



BÁRBARA MARIA

NÚCLEO DE POESIA

Me chamo Bárbara Maria, tenho 22 anos, sou escritora, poeta, poeta-slammer, mulher negra, potiguar e estudante. Escrevo sobre o sentimentalismo cotidiano. A escola e a praça do centro de Extremoz, minha cidade, foram meu primeiro palco, e foi lá onde estreei como poeta em um evento chamado Sarau cultural de Extremoz. Estive presente também nas edições seguintes, entre os anos de 2017 e 2020. Logo em seguida comecei a participar de outros eventos em Natal como: Morro Negro; Sarau das Minas, I Festival de Poesia do IFRN-ZN e Sarau Quinta das Artes. Faço parte do Mulherio das Letras Zila Mamede e do Núcleo de estudos Auta de Souza.

CARTA PARA INFÂNCIA

Minha pequena Bárbara, que cirandava, cirandava, olhava o mar e se imaginava desbravando o mundo. Babi como era chamada, sempre dedicada, delicada, cantarolava e sonhava. Entre cuidar dos irmãos e da casa dava asas à imaginação. Crescia distante de tudo, na calmaria das ondas e com o pezinho na areia. Com fita no cabelo e os cachinhos cor de mel balançando ao vento, vento que era seu confidente fiel. O medo de altura ainda existe, mas agora aprendemos a voar seguras.

Você que é intensa e profunda feita o oceano que abraça o mundo. Sempre apaixonada pelas águas salgadas da rainha do mar. De nome forte que carrega uma história; criança que ri fácil e se diverte com a criatividade. Minha pequena criança risonha, o seu cantinho favorito, de frente para o mar e seus sonhos ainda são os mesmos. Alegria e dadiva de ser criança da beira da praia.

Fim do mundo
Mundo de quem?
Fim.
Do
Fim
Fez
O recomeço.
Reconheço alguém
Alguém se findou.
Fim.
O mundo desabou
E os destroços
Estão onde?
Na sua estante.
No meu armário
Dor
Fome
Cede
Frio
Vazio
Feroz
Algoz
Fim
Para quem?
Morri
Sobrevivi
Morri
Fim.
Fim do mundo
Mundo sem fim
Do fundo
Do fim
Se fez infeliz feliz
Fim.

Andei só pois o momento não permite aglomeração.
Andei nas ruas que antes eram cheias de pessoas.
Andei e andei.
Da esquina à padaria.
Do mercado à quadra.
Não ultrapassei o limite do bairro.
Vi o vazio
Senti o vazio
As ruas falam
Mas hoje elas protestaram
Um minuto de silêncio elas reivindicaram.
Vi Dona Maria, que agora tá em casa, sem trabalho, mas nunca parada.
Vi João que cortava cabelo e agora tá vendendo até seu último espelho.
Vi Sebastião de máscara e inchada na mão.
Dona Maria das dores, fiel que hoje faz as preces lá do céu.
Vela, água, terço e no peito uma prece que ecoa.
"Jesus tem misericórdia das pessoas"

Nas ruas o silêncio das risadas da molecada, o campinho anda vazio, os gols de placa só na enquadrada em telada da sala.
A bola faz estrago, Dona Rita quase infarta com chutes dentro de casa.

Há uma distância necessária, uma distância importante, que apesar de anular o abraço temporariamente, anula o contato, o estar presencialmente presente, mas é preciso.
Para que Sebastião fique seguro, para que Rita viva um futuro, para que Maria seja mãe, tia e vó.

BÁRBARA

Abri o armário, vi uma caneta, um caderno e uma fubá.
Entrei no quarto e vi meu local de fuga.
Pois, nesses dias em que a dona morte trabalhar dobrado, fazendo hora extra sem esquecer dos feriados, o melhor jeito de tentar fugir dela é ficando guardado.
Abri a janela e vi o sol, mas algo encandeava, me cegava.
E um sentimento de tristeza abraçava meu corpo, o rádio ligado e no noticiário as atualizações dos mortos, meu peito aperta e de nó e nó na garganta as palavras faltam, enquanto as lágrimas correm em meu rosto.
Com pulsos cerrados e caneta na mão escrevo minha carta de indignação, meus sentimentos aos familiares das vítimas e meu puro ódio despejado em palavras ao governo genocida.
Que o solo do pátria amada volte a ser esperançoso e que a gente nunca esqueça dos discursos e ações do bozo, que 2022 seja um capítulo novo, pois o povo não aguenta mais tanta tormenta.
A vida do brasileiro é baseada em não ter um único minuto de paz.
Parece ser egoísta querer paz numa guerra terrorista, o roteiro desse capítulo foi inscrito não pelo diabo ou anticristo, mas tem tamanha influência do tal Messias.
Meus olhos inchados, ódio, raiva e vontade de quebrar a televisão, pois assistir essa catástrofe é pedir para perder a sanidade.
Em outro contexto as ruas das cidades estariam cheias de corações pulsantes em eufórica, energia e agitação, fazendo baderna, gritando um único coro
F O R A B O Z O!

CHORO

Chorando se foi
Do choro da vida ao choro da morte.
Um choro forte.
Lágrimas que não cabem mais no peito.
Esse metro quadrado que é morada de uns, depósito de sentimentos e que faz tum tum aqui dentro.
Que dá ritmo à vida, que quando se cala faz vítimas.

Que um dia já me fez chorar, faz sentir humana, viva, dentro dessa casca, de corpo, no meio de carne e osso.
Que dói de saudade, de infarto ou ansiedade.

Chore, ele disse.
Lave tua alma, ela disse.
Faça dessas lágrimas chuva e dance como se fosse criança sambuda.

Choro que pode ser libertador, que alivia dor, que diz onde tá a dor.
Choro que é nossa primeira comunicação, pois mainha antes do nascimento só sabia a língua do coração.

Chore, eu chorei.
Chove, eu permiti.
Chegue, eu abracei.
Chave, te abri.
Charada, te decifrei.
Chorando se foi quem um dia só quis ficar.

As ruas da cidade choraram hoje.
De novo, de novo, de novo.
As ruas da cidade choraram ontem.
Fim, choro, fim, luto, fim.
As lágrimas escorreram de sacadas, prédios, hospitais e igrejas.
Todas carregadas da mesma tristeza.

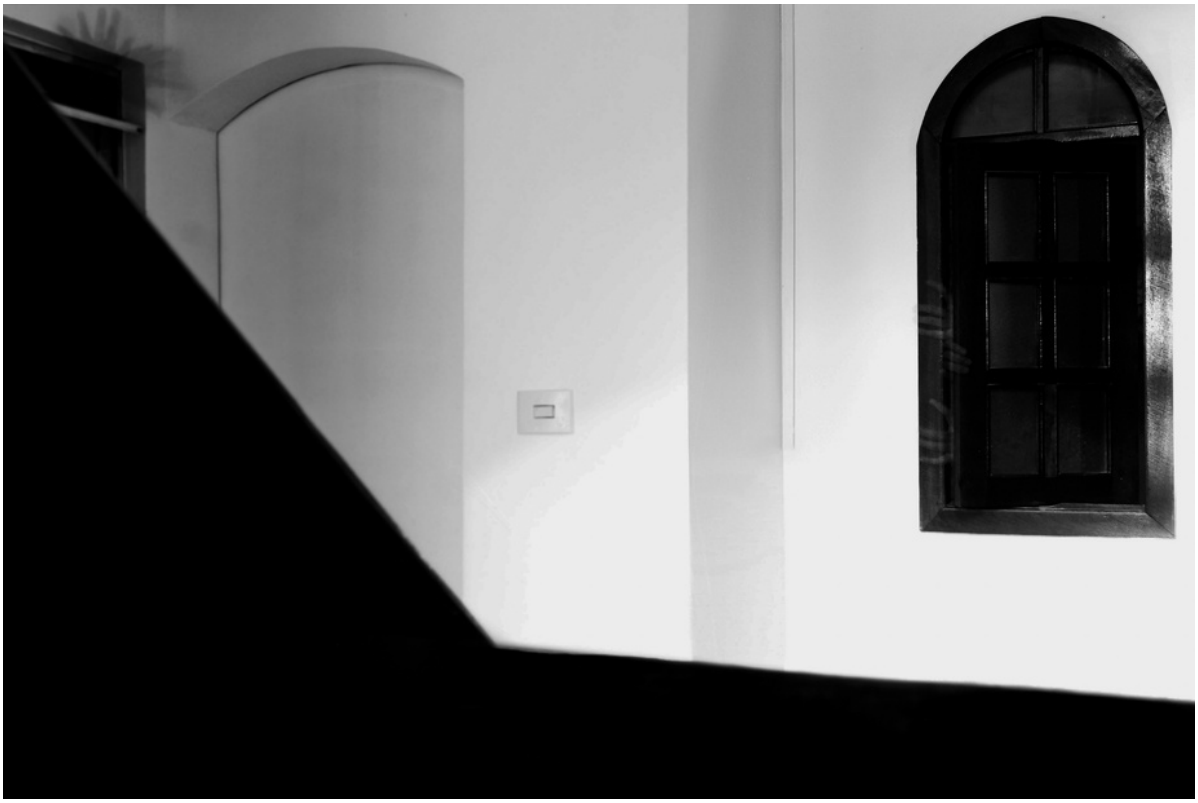
O trânsito continuou caótico, entre buzinas, sirenes, gritos e um silêncio visível.
As ruas que já foram cheias de vida se encontram cinzas.
As ruas que já foram palcos de bloquinhos, de multidões, de gente, corações; hoje ecoam orações.

As ruas da cidade choraram hoje.
Choraram
Imploram
Reivindicaram
Protestaram
Silenciaram
Um voto de silêncio, um voto de vazio, um voto de distanciamento.
Um voto pela vida, pois todos os dias as enxurradas de lágrimas lavam a cidade e tornam mais fria.

SABRINA CAMPOS

NÚCLEO DE FOTOGRAFIA

Em 2017, completei a Formação Básica em Fotografia pelo SENAC, onde pude ter um primeiro contato com a fotografia profissional, além de treinar meu olhar e experimentar muito. Curso atualmente o 4º período de Comunicação Social - Audiovisual na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e essa escolha de graduação se deu principalmente pelo gosto que eu tinha pela fotografia. Sou bolsista do Estúdio de Fotografia do Departamento de Comunicação da UFRN; atuo, também, no Projeto Olhos Negros: Visibilidades e alteridades na fotografia negra contemporânea brasileira, estabelecendo contato com fotógrafas e fotógrafos negros do Brasil a fim de compor um grande banco de dados, e analisando o trabalho de personalidades relevantes para a compreensão histórico-cultural afrobrasileira.O projeto Olhos Negros do qual participo é um prenúncio da linha de pesquisa que pretendo explorar: Fotografia e Artes, Raça e Etnia, Decolonialidade, História, Política e Jornalismo.



TAKARÁ

NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

> Inddiegente Zu, drag demonia poticuir que é constantemente construida estéticamente através das vivências de um corpo preto-gordo-lgbt-macumebeiro.

Deus

boca de silêncio

VINÍCIUS DE OLIVEIRA

NÚCLEO DE POESIA

“ Vinícius de Oliveira, filho de Suêrda de Bela, de Janduís-RN, nascido e criando
no sertão potiguar, graduado em filosofia pela UFRN, poeta quando a vida deixa, e
fotógrafo das coisas que encantam aos olhos.

Alecrim

um ramo de alecrim no chá
um ônibus a atravessar a cidade
ou essa cidade a atravessar meu peito

uma bala de hortelã que atravessa
o canteiro da rua 1h da tarde
tudo vai fluindo, ninguém pode parar

quando o sinal fecha
se abre onde se cruza
e os olharem se entrelaçam
se perdendo depois na multidão

é alegria e alecrim
e a gente vivendo atravessando o caos

F**im**

tão logo não haverá mais gente
nem vidente, nem servente
nem quem sirva de vítima
nem quem vitimize a dor

daqui pra frente não haverá doente
morto em acidente
mente por ter fome
quem fomente ficar

não haverá clima
nem rima
nem poeta

tão logo tudo lhe será alheio
não haverá vida
só restará dinheiro.

a mente oca um buraco na rua
que não enxerga mais as coisas boas
nem a vida que passa igual ônibus
deixando o povo na parada
abanando a mão como quem dá tchau
e o mundo batendo na gente
com galho de urtiga e sal
o presidente diz não posso fazer nada
o país em brasa está quebrado
de verme ninguém mais morre
só de fome sem ar de sangue condensado
e daí é domingo o vizinho grita gooolll
todo mundo comemora
enxuga as lágrimas e bota a cara pra fora
está tudo normal onde não devia estar

a palavra falada
bate forte como um touro
indomável, no erro do seu algoz
na brecha do medo
na brecha da segurança

a palavra falada é uma criança
cheia de verdades inconvenientes
e difíceis de engolir

a palavra falada é urgente
é gigante, bate de frente
derruba quem enfrenta
levanta quem a ouve

a palavra falada é o caos
é a ordem dos astros
é tão perigosa quanto
é hoje um ônibus lotado

tão perigosa como
a revolta de um povo

Queria falar mais sobre o amor

JOÃO AZEVEDO

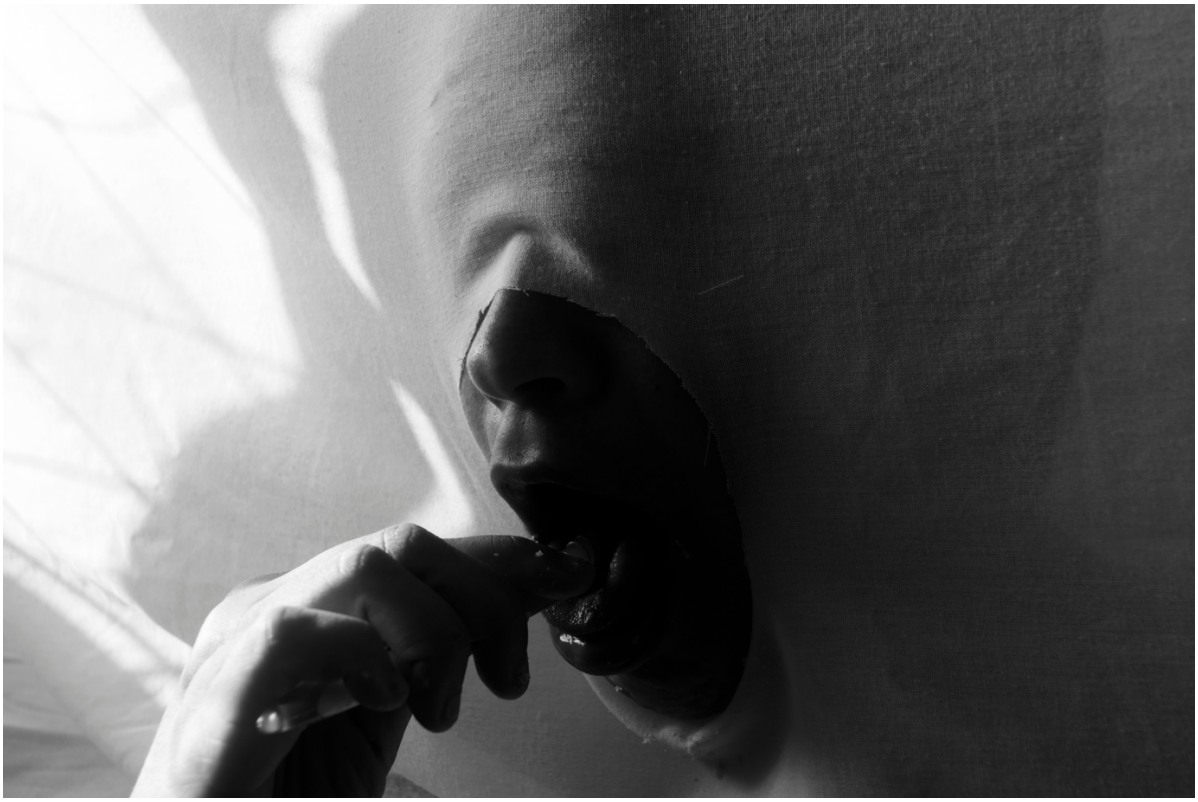
NÚCLEO DE FOTOGRAFIA

“ Dada a sobrecarga de tarefas e o equipamento que disponho, desenvolvo, de forma embrionária, um projeto pessoal em torno das questões que interseccionam gênero na fotografia. Nele, busco analisar a dimensão do controle dos corpos do gênero feminino, através da expressão do capitalismo e da ideologia patriarcal. No conceito, levo em consideração os determinantes materiais e ideológicos dos acessórios, enquanto itens anexos aos corpos supracitados. Nesse contexto, fica evidente que os sujeitos são ideologicamente cerceados desde a infância, obrigados, anteriormente ao nascimento, a assumirem papéis sociais de acordo com o sexo biológico, ainda que seu uso implique sinais claros de agressão e dor e dramatizem a vivência de gênero.

HELENA ANTUNES

NÚCLEO DE FOTOGRAFIA

“ Dada a sobrecarga de tarefas e o equipamento que disponho, desenvolvo, de forma embrionária, um projeto pessoal em torno das questões que interseccionam gênero na fotografia. Nele, busco analisar a dimensão do controle dos corpos do gênero feminino, através da expressão do capitalismo e da ideologia patriarcal. No conceito, levo em consideração os determinantes materiais e ideológicos dos acessórios, enquanto itens anexos aos corpos supracitados. Nesse contexto, fica evidente que os sujeitos são ideologicamente cerceados desde a infância, obrigados, anteriormente ao nascimento, a assumirem papéis sociais de acordo com o sexo biológico, ainda que seu uso implique sinais claros de agressão e dor e dramatizem a vivência de gênero.



ITAMARA ALMEIDA

NÚCLEO DE POESIA

“ Inddiegente Zu, drag demonia poticuir que é constantemente construida estéticamente através das vivências de um corpo preto-gordo-lgbt-macumebeiro.

Se pudesse, voltaria ao passado.
Não pra resolver coisas.
Não pra fazer conciliações.
Muitos menos pra pedir desculpas à alguém.
Não queria voltar ao passado para concertar
O presente, nem o futuro.
Queria muito mais que isso!!!
Queria sentir a mesma sensação que sentiu certa vez
Dependurada no umbuzeiro da casa de sua avó.

TRISTEZA

O corpo produz uma sensação ácida,
um choque de súbito, só que duradouro.
Não passa como quando retiramos o dedo da tomada.
Permanece assim, feito um inspirar que congelou.
É sufocante.
Parece que tem bichinhos roendo algo dentro,
não sei precisar o posicionamento dos roedores,
nem se é dentro apenas do corpo,
dá ares de ir mais profundo.
Ao mesmo tempo que sinto-os subindo à garganta,
como que querendo virar palavras, grunhidos,
ou apenas fluir num expirar,
concluindo assim o ciclo da respiração.
Às vezes verte água.
Tanto melhor quando a acidez é derretida.

CARTA PARA CRIANÇA

Ei, criança, chegue mais perto
Deixei de morder
Criança,
Criança,
Ô, criança, venha comigo...

Eu tenho um jardim suspenso
Cultivado com gotas de lágrimas,
Sorrisos ausentes e febres altas.

Cultivado longe do domínio de Lobos Maus
De noites roubadas e pesadelos.
Cultivado com dias amenos
E fogo nos olhos!

Cultivado a galopes de bicicletas
Ou nos terreiros grandes do mundo
Canelas ligeiras...
E alvoroço nos buchos famintos dos primos
Meninos!
Sem limites nos olhos
Sem bonecas feias
Magrelas

Cultivado com lembranças de avós mortas,
galinhas, terreiros, almoços e cheiros!

Eu cultivei girassóis emoldurados
Mas, girassóis!
Só por você, criança.
Eles buscam o caminho da luz.

LEGO X CONGRESSO

Constrói casas e as habita
com seus índios multicolor
ou inventa sua gente!

Fabrica monstros bem gigantescos
[coloridos]
Inofensivos como ele.
Criando um mundo de muita cor.

Não sabe ele que no Congresso
constroem shopping particular
e criam monstros de preconceitos e intolerância
Nocivos como eles!

Deixando indígena, pobre, preto...
Num mundo opaco sem terra, sem teto, sem lar

O AMOR

Às vezes, a vontade do voo é apenas o destino das asas...

LORENA COSTA

NÚCLEO DE FOTOGRAFIA

Corpo, gênero, raça, ancestralidade, e a influência da tecnologia na relação com a imagem são alguns dos principais temas abordados em meus trabalhos. Minha pesquisa acadêmica se constituiu no campo da Antropologia Visual e a fotografia documental se tornou o eixo principal de meu trabalho. Atualmente, sou professora de fotografia e também desenvolvo projetos autorais mesclando linguagens que me permitam traduzir as questões que surgem a partir da interpretação de culturas através de imagens. As relações contemporâneas com a imagem, corpos e gênero são questões recorrentes em meus projetos, construindo minha poética somando a fotografia à outras técnicas para construção das narrativas visuais.

YSMAEL VENTURA

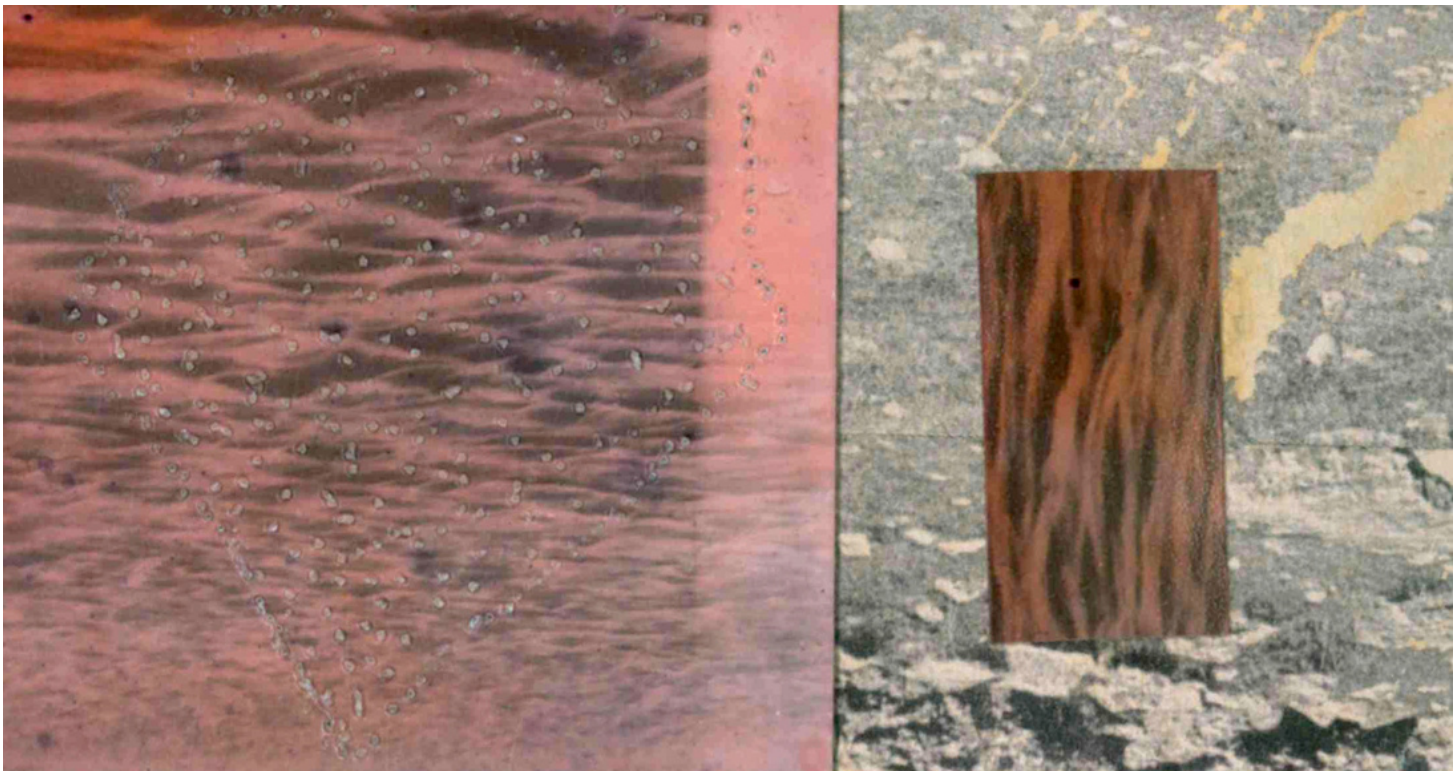
NÚCLEO DE FOTOGRAFIA

“ A arte sempre esteve presente na minha vida, porém, sempre tive uma relação às escuras com ela. O espaço onde cresci não permitia que homens negros como eu tivesse qualquer contato com a produção artística. Quando resolvi cortar relações com esses espaços, passei por um momento de me afastar de qualquer tipo de arte, mesmo sendo apaixonado por fotografia e processos artísticos. Nos últimos anos comecei a fazer esse movimento de retorno e tem sido, todos os dias, uma descoberta enorme das possibilidades desse universo. Sempre gostei de observar processos e pessoas negras nos cotidianos. Tenho interesse em espaços coletivos e ancestrais como as vivências nos terreiros de candomblé, movimentos sociais, projetos artísticos sobre ancestralidade negra e difusão da filosofia africana.

LAÍZA FERREIRA

NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

“É preciso encarar o desconhecido e promover os encontros através das artes. É neste momento que vozes abafadas ecoam para além dos espaços geográficos e temporais. Caminhar nas incertezas das encruzilhadas é o que move os nossos corpos. Provocar fissuras políticas, afetivas e existenciais que se entrelaçam com as nossas memórias entre travessias e cruzamentos. A minha pesquisa em produção artística deságua no eixo decolonial partindo da ficção, temporalidade não-linear, memória ancestral e recriação de mundos através de fragmentos ressignificados. Desenvolvo trabalhos que se entrelaçam no imaginário político contra hegemônico, em diálogo com os deslocamentos e conexões geográficas afetivas.



LANUK NAGIBSON

NÚCLEO DE POESIA

Seção: Diálogos:
Nome: Entre eu e Bárbara

Eu por mim para ela:
perco-me entre folhas amassadas
do calor momentâneo,
suando
des.man.cho.me
desa
        guando
entre páginas molhadas.
é o calor
da minha vida bagunçada.

Eu por ela para ela:
lápis
.
livro
.
cuscuz
.
cuscuz, livro, lápis.
livrocuscuz, lápis.
lápiscus
cuz
livro.
livrolápiscuscuz.
lápiscuscuzlivro
livro
livro
livro
cuscuzlápis
lápiscuscuzlivro
cuscuzcuscuzcuscuz
livrolápislivrolápis
cuscuz.
3avemarias2painossos.
- mantra do poeta para preencher vazios.

fim:
porta aberta
no colo eterno
em que repouso.

agarrando-me as asas de ícaro
voo
fugindo da minha creta particular.
em
- quedalivre -
retorno
às areias circundantes
do meu egeu particular.

ao fazer-me
vazio
preenche-me entre a sede dos teus lábios.

o coração
é casa em que habito.
tambor
de
carne
tocado
pela solidão.

LEI ALDIR BLANC RIO GRANDE DO NORTE
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
RIO GRANDE DO NORTE GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL